

Tempo e espaço no Colégio Salesiano Liceu Coração de Jesus: contribuições para História da Educação Matemática no Brasil

Time and Space in College Salesian Liceu Coração de Jesus: Contributions to the History of Mathematics Education in Brazil

Andréia Dalcin¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar um recorte sobre *o tempo e o espaço escolar* da tese de doutorado: Cotidiano e práticas salesianas no ensino de matemática entre 1885 e 1929 no colégio Liceu Coração de Jesus de São Paulo: construindo uma história, defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP em 2008. Trata-se de uma investigação no campo de História da Educação Matemática no Brasil. Conhecer a organização do tempo escolar e a arquitetura da escola contribuiu para a compreensão da rotina, do cotidiano, e das práticas, entendidas como “modos de fazer” na concepção de Certeau (1994).

Palavras-chave: Tempo e espaço escolares. História da Educação. Colégios salesianos.

Abstract

This article aims to present a clip about *scholar time and space* of my doctoral thesis denominated Daily life and salesians practices in teaching of mathematics from 1885 to 1929 in Sacred Heart of Jesus Salesian School in São Paulo: making a history. It deals with a work in the field of History of Mathematics Education in Brazil. Thus, knowing the organization of school time and school architecture contributed to the understanding of the routine, daily life and practices, understood as *ways of doing* on conception of Certeau (1994)

Keywords: Scholar time and space. History of the Education. Salesians school.

1 Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso. End. Profissional: Av. Fernando Corrêa da Costa, n. 2367, Boa Esperança, Cuiabá-MT. Cep 78.060-900. Telefone profissional: (65) 3615-8431.

R. Educ. Públ.	Cuiabá	v. 19	n. 41	p. 577-597	set./dez. 2010
----------------	--------	-------	-------	------------	----------------

O objetivo desse texto é apresentar um recorte sobre *o tempo e o espaço escolar* da tese de doutorado *Cotidiano e práticas salesianas no ensino de matemática entre 1885 e 1929 no colégio Liceu Coração de Jesus de São Paulo: construindo uma história*, defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP, sob orientação da professora Dra. Maria Ângela Miorim. A tese teve como problemática central a busca por conhecer como se desenvolveu o ensino da matemática no interior da escola Liceu Coração de Jesus de São Paulo nos seus primeiros 44 anos, com a perspectiva de compreender as relações sociais, culturais e principalmente as práticas cotidianas escolares, os modos de fazer, que caracterizariam tal instituição.

Conhecer a organização do tempo escolar e a arquitetura da escola contribuiu para a compreensão da rotina, do cotidiano, e das práticas, entendidas como *modos de fazer* na concepção de Certeau (1994). Embora o foco da tese tenha sido o ensino de matemática, este está imerso em um contexto mais amplo que precisa ser considerado, uma vez que os processos de ensinar e aprender se dão a todo o momento, em todos os espaços. Com o intuito de conhecer o contexto histórico e cultural no qual o ensino de matemática se desenvolveu, foram utilizadas fontes escritas e principalmente imagens iconográficas, principalmente fotografias.

As imagens iconográficas são importantes recursos para a reconstrução do cotidiano de pessoas comuns, auxiliando na reconstrução da cultura material do passado. Os detalhes, a presença de determinados objetos e de ações permitem ao historiador em educação matemática compreender processos complexos que seriam difíceis de expressar por meio de textos escritos. Em suma, as imagens iconográficas abrem para o pesquisador diferentes possibilidades de olhar e de interpretar o passado. Segundo Burke (2004, p. 17), “[...] as imagens assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular.”

Primeiramente, é bom lembrar que o Liceu Coração de Jesus em São Paulo foi a segunda escola salesiana fundada no Brasil (1885). Trata-se de uma instituição educativa com práticas culturais em muitos aspectos diferenciadas de outras instituições daquele período ou atuais. Uma escola de meninos dirigida por homens, onde a presença feminina é reduzida e sistematicamente ignorada em textos oficiais, fotografias, revistas e outros documentos. Mulheres não habitam esse mundo.

Os salesianos chegam ao Brasil em 1883, em meio a um período de mudanças sócio-econômicas e culturais. Vive-se o período de transição do Império para a República. Muitos interesses estavam presentes e favoreceram a instalação da congregação salesiana no Brasil. A Cúria Romana interessada em conter a expansão protestante e promover a reforma Católica; a Coroa Brasileira e, posteriormente os republicanos, envoltos com o processo *civilizatório* e com a manutenção de uma classe dirigente; os bispos romanizados brasileiros buscando impor o projeto da Santa Sé. Para Dom Bosco e seus seguidores, a vinda para o Brasil representava a expansão de suas obras pela América Latina e a implantação do projeto da Santa Sé. O Brasil nesse período carece de políticas

públicas para a Educação, a quantidade de *desvalidos* e *ingênuos* chama a atenção e a presença de uma ordem religiosa que tem como característica o atendimento aos menos favorecidos, pautado em um ensino que valoriza o aprendizado de um ofício, é bem vinda. Os salesianos trazem para o Brasil o sistema educativo criado por seu fundador, Dom Bosco, denominado de Sistema Preventivo de Dom Bosco.

Tal sistema, fundamentado no tripé “razão, religião e *amorevolezza*”², gera uma série de práticas educativas que o caracterizam e o singularizam, constituindo o que os salesianos denominam *o estilo salesiano*: **o oratório festivo, as festas, o teatro educativo, a música e o canto educativo, os passeios e excursões, as premiações, as atividades físicas e o boa noite** (uma rápida fala de 5 minutos do Diretor ou de outro padre com o intuito de deixar uma mensagem, uma acolhida). A vigilância, entendida pelos salesianos como *presença*, que tinha o objetivo de *pôr os alunos na impossibilidade de cometer faltas*, era um elemento central dessas práticas. Eram práticas vigiadas. A alegria era outro aspecto enfatizado nessas práticas, além da não aceitação de castigos físicos.

Convido o leitor a adentrar nessa página do passado e imaginar-se no interior dessa escola, conhecer seus modos de ser e fazer. O tempo e a ação humana mudaram a paisagem, mas a fotografia, que se afirma ter sido vista pelo próprio Dom Bosco na Itália, deixou registrada a nova moradia dos padres salesianos quando chegaram a um país desconhecido.

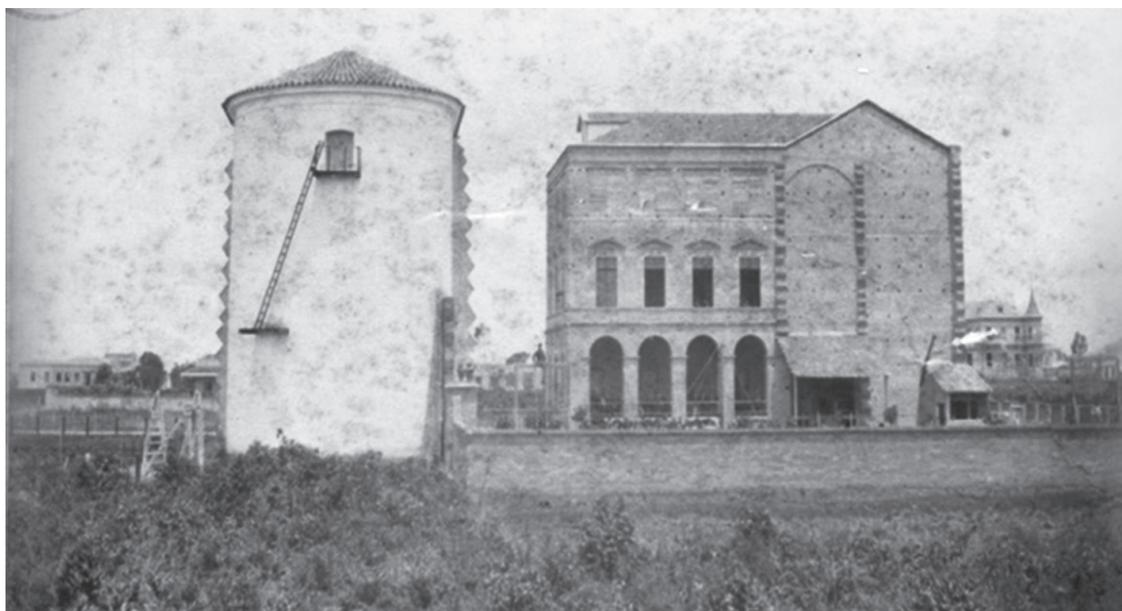


Ilustração1 - Fotografia do Liceu Coração de Jesus, 1886

Fonte: Arquivo Histórico ISSP.

2 Não existe uma tradução específica ou suficientemente próxima para a palavra italiana *amorevolezza*. Geralmente é traduzida como carinho fraterno, amor irrestrito.

Para compor a nova casa salesiana, foram chamados membros da Congregação da Província do Uruguai. Em 1885, mais precisamente em 5 de junho, chegavam do Uruguai os italianos Pe. Lourenço Giordano, que seria o primeiro diretor do Liceu Coração de Jesus, e o coadjutor João Bologna, Pe. Miguel Borguino, diretor do colégio Salesiano Santa Rosa do Rio de Janeiro, acompanhou os recém-chegados, além de lhes pagar a viagem. No mesmo ano chegava, para exercer o cargo de prefeito do Liceu, o Pe. Bernardino Monti, recém ordenado.

Nesse período, a organização pedagógica e administrativa do Liceu seguia as normas das casas salesianas existentes na Itália, país de origem da Congregação. Apenas, posteriormente, no atendimento às exigências governamentais, é que se configuravam algumas mudanças estruturais mantendo-se, no entanto, a intenção de tornar as casas do Brasil extensões das casas italianas. Em seus primeiros anos de funcionamento, a organização do Liceu era composta por: **Diretor** – superior e responsável pelo andamento espiritual, pedagógico e material da instituição. Ao Diretor cabia o papel de pai da casa, que deveria estar sempre junto, próximo dos alunos e de seus dirigidos; **Prefeito** – uma espécie de vice-diretor, encarregado da gestão geral e material da casa. Substituía o diretor quando este estivesse ausente. Dele dependia a disciplina, o asseio (revista semanal da limpeza das roupas, cabeça e dos cabelos) e os vários serviços da casa. “Em alguns casos é auxiliado por um ecônomo, a quem compete cuidar do pessoal, dos coadjutores, dos familiares e, em geral, do asseio dos meninos, da limpeza e manutenção da casa”. (CIMATTI, 1939, p. 54); **Conselheiro escolar** – era o encarregado de regular, prover o que pudesse ser necessário aos alunos e aos mestres nas aulas, nos estudos e nas oficinas, e “Lembrar freqüentemente aos professores que trabalham para a glória de Deus [...]” (SANTOS, 2000, p. 250); **Catequista** – cuidava das necessidades espirituais dos meninos, inclusive que se aproximassem dos sacramentos. Entre outras coisas, devia zelar para que os chefes de dormitório estivessem pontualmente em seus lugares, bem como nas funções sagradas. Além disso, deviam cuidar dos clérigos para que aprendessem as cerimônias sacras, estudassem teologia e decorassem trechos do Novo Testamento; **Mestres de aula e mestres de ofício**, ou seja, os professores de aulas teóricas e das oficinas, cujas atribuições em síntese podem ser resumidas a agir com coerência, zelo, primar pela disciplina e organização dos alunos, interrogar a todos os alunos ao longo da aula, preparar as aulas e, ao menos uma vez por mês, aplicar um trabalho de avaliação e, após corrigi-lo, apresentar os resultados ao Diretor ou ao Conselheiro Escolar; **Assistentes de estudo, de aulas e de ofício**, ou membros de dormitório, que zelavam pela disciplina, boa ordem, moralidade e bom emprego do tempo nas classes que lhes eram confiadas.

Façamos uma rápida excursão pelos espaços do Liceu por intermédio das imagens iconográficas que mostram os *progressos da modernidade* e as permanências de um passado com raízes na Itália do Século XIX. Segundo Burke (2004, p. 111), “[...] muito ainda pode ser aprendido através do estudo cuidadoso de pequenos detalhes em imagens de interiores - casas, tavernas, cafés, salas de aula, lojas, bibliotecas, teatros, etc”.

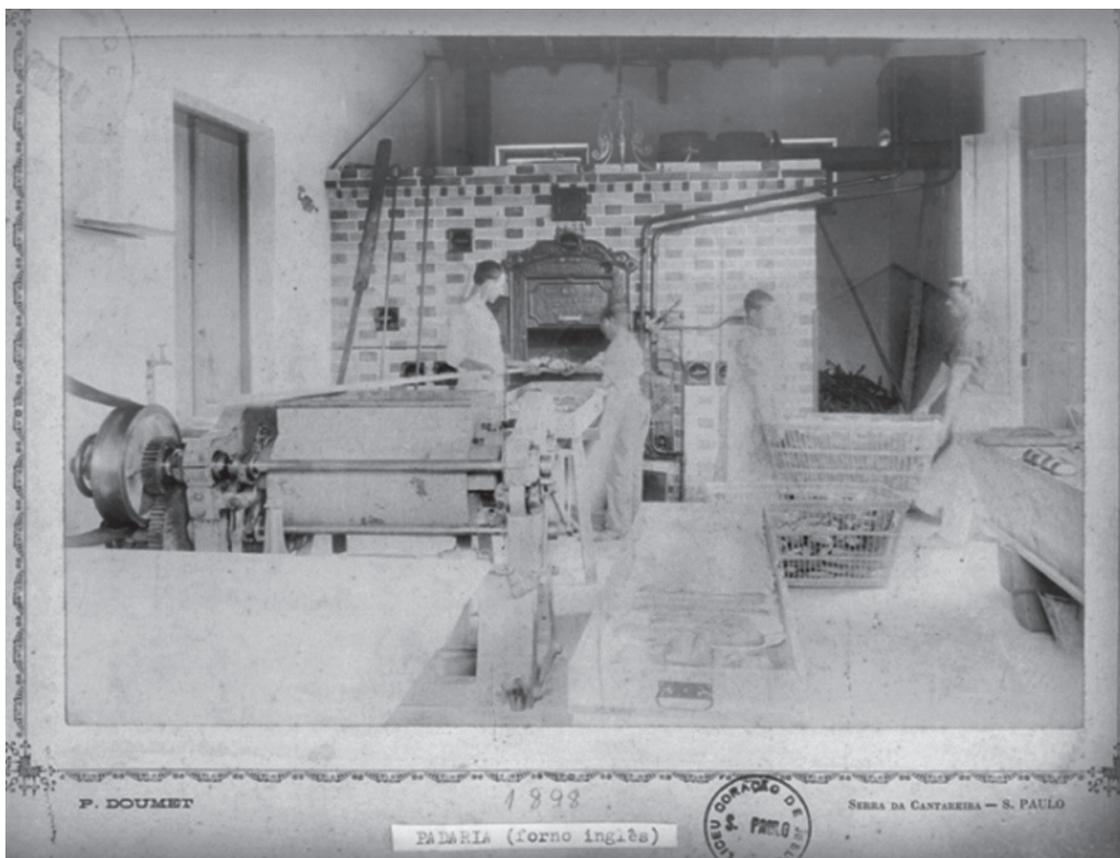


Ilustração2 - Fotografia Padaria 1898
Fonte: Arquivo Histórico ISSP.

Iniciemos pela Padaria, onde o pão fabricado fazia parte do café da manhã dos alunos e da comunidade que o comprava regularmente. Sua inauguração se deu em 1898 e despertou atenção da imprensa italiana (jornal *La Tribuna*) e da imprensa brasileira da época. Conforme narra Isau (1985) o Dr. Alfredo Moreira Pinto escreveu no *Correio Paulistano* “[...] despertou minha atenção uma padaria do sistema Baker, a mais perfeita no gênero que conheço. Possui um forno cozimento-contínuo, com registro e regulador de calor, pirômetro, injetor de calor, masseira movida a vapor e mais aparelhos para preparar a massa” (ISAÚ, 1985, p. 85).

A padaria no ambiente escolar seria, entre outras coisas, uma economia de gastos e um elemento de independência do mundo exterior. Além disso, o pão em si sempre foi um simbolismo religioso fortemente associado à ideia de trabalho e de partilha.

Da padaria passemos à biblioteca.



Ilustração 3 - Biblioteca do Liceu 1919
Fonte: Arquivo Histórico ISSP.

A Biblioteca sofreu algumas reformas. A foto de 1919 é a mais antiga encontrada, provavelmente o aspecto apresentado seja anterior a essa data. Os livros guardados em estantes fechadas reforçam o cuidado com o acesso aos livros, que era severamente controlado. A preocupação com a má influência da leitura aparece na máxima de Dom Bosco:

Não há pior veneno para a juventude do que os maus livros. E em nossos dias são ainda mais temíveis porque são numerosos e as vezes se apresentam com a mascara de religiosidade. Si amaes a fé, se amaes a vossa alma, não leiaes esses livros, sem terdes antes a aprovação do confessor ou de outra pessoa de doutrina segura e insigne piedade. Attentae bem no que digo: doutrina segura e insigne piedade (CIMATTI, 1939, p. 175).

Tal preocupação com o que se lê é consequência de todo um movimento da Igreja que busca [...] fazer do livro, da imprensa e da leitura um local e resistência encarniçada e, se necessário, a base de uma futura reconquista

(CHARTIER, 1995, p. 40). Uma subversão aos novos tempos. A quantidade de livros impressiona. Nesse espaço os alunos consultavam os livros, porém não estudavam, para isso existiam as salas de estudo.



Ilustração 4 - Sala de estudos
Fonte: anuário de 1920.

As salas de estudos também eram salas de aula. A fotografia da Ilustração 4, retirada do anuário de 1920, escolhida devido a uma melhor qualidade na digitalização, aparece em anuários anteriores, daí inferir-se que deve datar da primeira década do século XX. O ponto de fuga dessa foto está justamente no relógio e no grande crucifixo; tempo, disciplina e religiosidade norteiam as ações dos alunos. A grande quantidade de carteiras sendo que em cada uma sentavam dois alunos, mostra que em cada turma havia um número considerável de meninos. As grandes janelas, além de propiciarem melhor ventilação, permitem a visão do lado de fora do que se passa no interior da sala, o que garante a vigilância tanto do aluno como do professor. Mesmo nas construções mais recentes, tal estilo de janelas permaneceu.

O professor ao centro, à frente, detém o poder e a função de controle. Um olhar mais atento tem-se a sensação de que tal sala, do modo como foi fotografada, com suas paredes altas, a disposição das carteiras, lembra o interior de uma igreja, na qual, ao centro, encontra-se o Cristo crucificado. O acesso ao conhecimento, de certa forma, propicia a elevação do espírito.

A fotografia da Ilustração 5, que aparece em vários anuários, retrata o corredor que dá para as salas de aula. Um corredor comprido com janelas amplas por onde circulava o *Assistente*, que observava alunos e professores no interior da sala. Também o modo como tal cena foi captada pelo fotógrafo nos leva a imaginar um longo caminho a ser percorrido; a sensação de pequenez diante da vida, da escola, do poder e da grandiosidade de Deus e de suas obras.



Ilustração 5 - Galeria interna das aulas
Fonte: anuário 1921.

O museu de história natural é um espaço intrigante e mostra a preocupação com a criação de museus nas escolas, uma prática que se intensifica nesse período histórico da educação brasileira. Os museus passam a ter destaque e ocupam amplos espaços físicos, segundo Faria Filho (1998).

A quantidade e diversidade de pássaros empalhados chamam atenção, embora não se tenham maiores informações ou evidências de como esse museu participaria efetivamente no processo de ensino de ciências.



Ilustração 6 - Fotografia Museu de História Natural
Fonte: Arquivo Histórico ISSP,[19-].

Além dos pássaros, em outro espaço do museu (Ilustração 7), encontramos uma série de objetos relacionados às áreas de química, de física e de biologia. A presença na primeira prateleira à esquerda de alguns sólidos geométricos e mais ao centro de diferentes tipos de balanças, nos faz inferir que tais recursos já eram considerados importantes, uma vez que ocupavam um espaço no museu. No entanto, a disposição dos objetos e o fato de estarem expostos em vitrines fechadas indicam que esses não deveriam ser tocados ou manipulados pelos alunos, apenas observados. Daí a dúvida sobre a utilização ou não de tais recursos para o ensino de matemática. Talvez os professores se referissem a eles e mesmo os manuseassem em alguns momentos, todavia a atitude dos alunos seria passiva, não diretiva.



Ilustração7 - Museu Ciências
Fonte: Anuário, [19-].

O refeitório (Ilustração 8) é outro espaço interessante, onde os alunos se encontram diariamente. Algumas regras são seguidas, tendo como referência o Regulamento das Casas Salesianas da Sociedade de S. Francisco de Sales, redigido por Dom Bosco.



Ilustração 8 - Fotografia Refeitório
Fonte: Arquivo Histórico ISS, 1921.

Vejamos algumas:

8 - Faz parte da modéstia o modo de estar à mesa, pensando que os alimentos nos são dados, não como aos brutos, só para saciar o apetite, mas sim para manter são e vigoroso o corpo, este instrumento material do qual nos havemos de servir para conseguir a felicidade da alma.

9 - Antes e depois das refeições, fazei as orações de costume, e durante as mesmas, procurai também alimentar o espírito, ouvindo em silêncio aquelle pouco de leitura que se faz.

10 - Não é permitido comer ou beber senão o que fornece o estabelecimento. Os que de fora receberem frutas, comidas ou bebida de qualquer espécie que sejam, deverão entregar ao Superior, que permitirá sejam usadas com moderação.

11 - Muito se voz recomenda que não estragueis o menor bocado que seja de sopa, de pão e de outras comidas. Não esqueçamos o exemplo do Salvador, que mandou seus

Apóstolos recolher as migalhas de pão, para que se não estragassem. *Colligite fragmenta ne pereant*, será punido com severidade e muito deve receiar que Nosso Senhor não o faça morrer à fome. (Regulamento das Casas salesianas).

Controle e vigilância sobre os modos de ser e de fazer à mesa, garantidos por meio da perpetuação de uma visão de Deus como quem está presente, observando tudo e todos, e que castiga e pune a quem não segue as regras. Além disso, o comportamento à mesa, o uso de talheres ao invés das mãos, está associado à *civilidade*, ao abandono do estado de animalidade e de selvageria, costumes que necessitam ser apreendidos.

Uma rápida visita à cozinha e encontramos apenas homens cozinheiros; mulheres não aparecem.



Cosinha -- Toda ladrilhada de porcellana

Ilustração 9 - Cozinha
Fonte: anuário, 1915.

Os alunos tinham acesso aos dormitórios somente no horário de dormir, após as orações e o momento do *Boa Noite*, sendo proibida a permanência ao longo do dia ou o acesso de pessoas externas ao colégio, mesmo familiares. Cada seção de meninos: *menores, médios, submédios e maiores* tinha seu próprio dormitório, e um Assistente zelava pela conduta dos meninos nesse local.

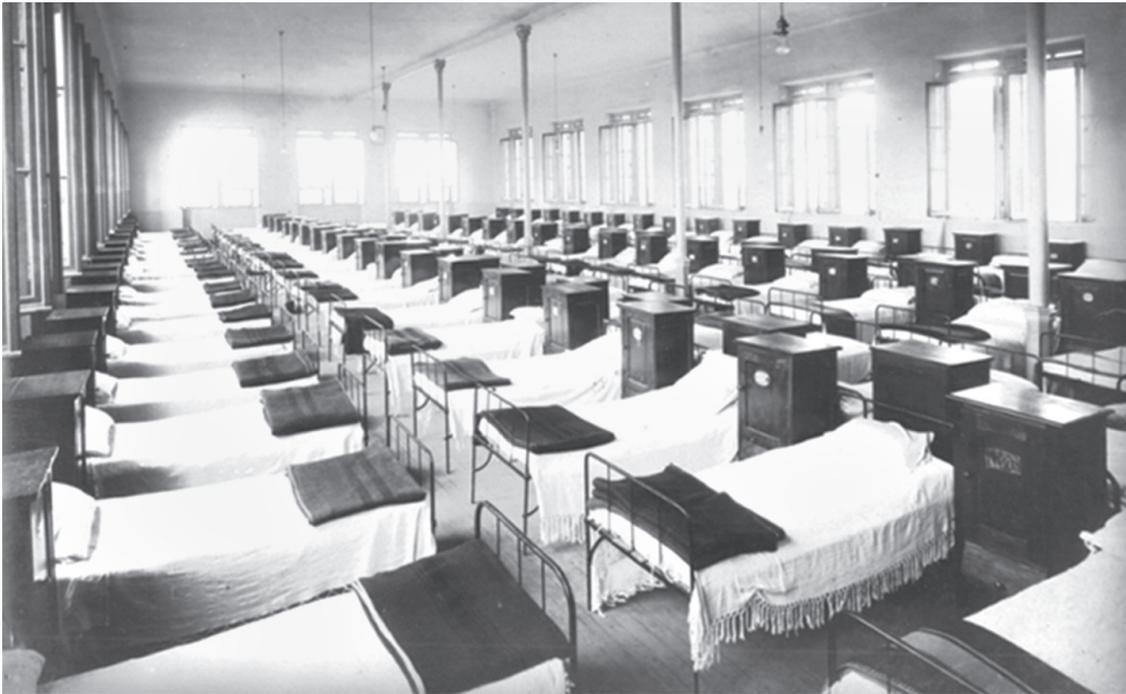


Ilustração 10 - Fotografia dormitório
Fonte: Arquivo Histórico ISSP, [19-?].

Os dormitórios expressam a concepção de uniformização e de limpeza. As camas, distribuídas simetricamente pelo espaço, deixavam espaços intermediários para facilitar a passagem do Assistente responsável por manter a ordem e a disciplina. A disposição das camas, uma de costas para outra, separadas por mobiliário, inviabiliza qualquer forma de contato mais próximo. Nenhuma decoração ou objeto exposto, tudo exatamente igual. Espaço amplo, arejado e iluminado pela luz do sol. Lembra a produção em série de móveis.

Os pais dos alunos e visitas em geral eram recebidos numa sala específica e não podiam circular pelas dependências do colégio, daí talvez, justifique-se, juntamente com a intenção de registrar os avanços da escola, a frequência com que encontramos fotografias que mostram as dependências do Liceu nos anuários de 1915 a 1929. Algumas fotos são repetidas em diferentes anuários e toda novidade é fotografada e registrada, muitas vezes sem o acompanhamento de um texto, apenas a fotografia deixando sua mensagem subliminar. Os anuários serviam de espaço para a solicitação de contribuições em dinheiro para a escola, mostrar os espaços físicos onde esse dinheiro era aplicado constituía-se numa tática. As salas de visita (Ilustração 11) eram decoradas com quadros e folhagens, o que as diferenciava dos demais espaços.



Lycceu Salesiano – S. Paulo
Sala para as visitas aos alumnos

Ilustração 11 - Salas de visita
Fonte: Anuário, 1917.

O asseio, os momentos de higiene, era um elemento extremamente valorizado por Dom Bosco. Nas casas salesianas a ordem e o asseio exterior eram entendidos como necessários para a limpeza e pureza de alma. A preocupação com a saúde dos meninos é evidente, na medida em que existe toda uma estrutura de atendimento em caso de doenças, com sala de atendimento médico (Ilustração 12), de enfermaria e com a chácara *Chora Menino*, na região do bairro de Santana, que possibilitaria isolamento e

proximidade com a natureza, o que auxiliaria o processo de cura. A prevenção de doenças se dá por meio das atividades físicas, da alimentação e da higiene, inclusive bucal. No entanto, tais cuidados com a saúde e higiene não impediram as epidemias que permearam a história de São Paulo e do colégio que desencadearam uma série de programas governamentais de higienização e disciplinarização do corpo. Práticas sanitizadoras são implantadas e abarcam desde a demolição de cortiços, de casebres e de moradias *indesejadas* a campanhas de vacinação obrigatórias, a exemplo da vacinação contra a varíola em 1904.

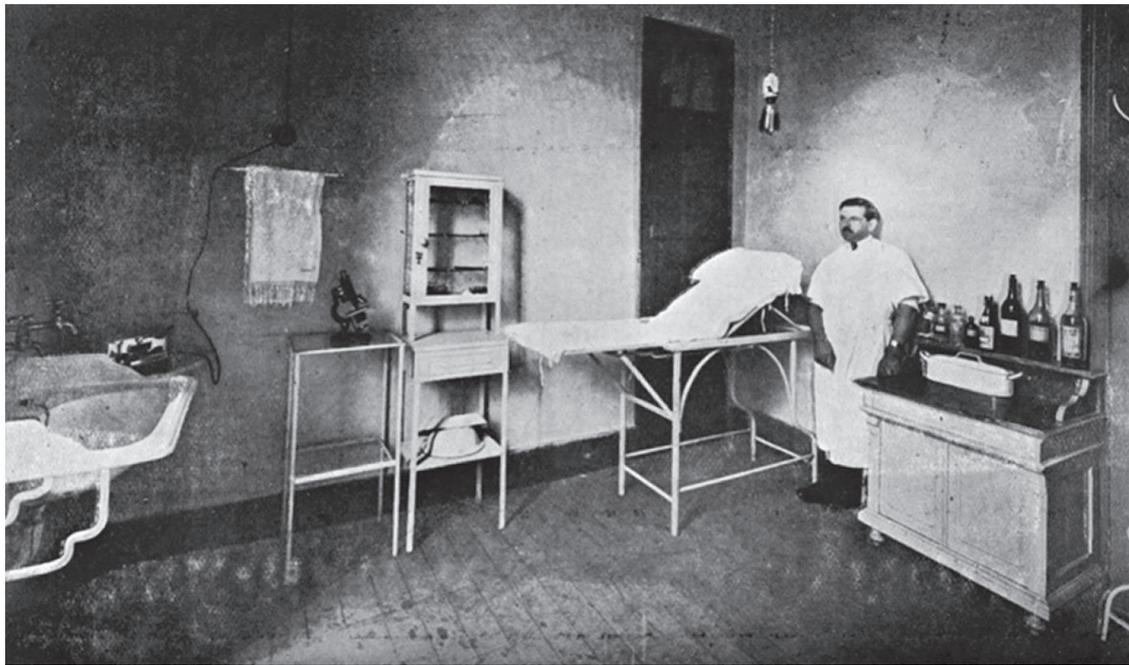
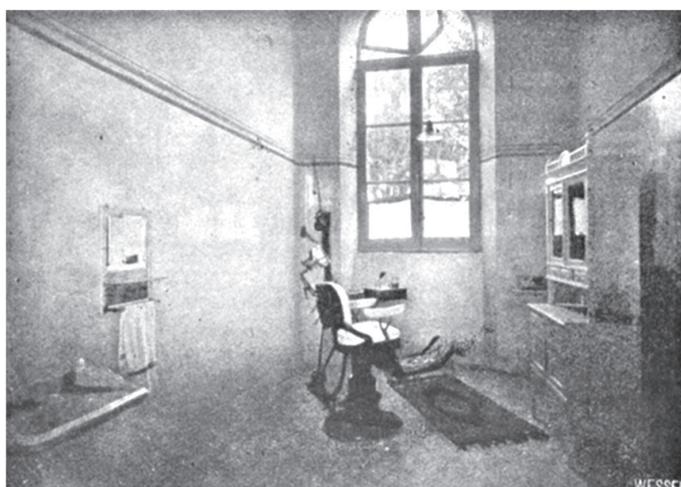


Ilustração 12 – Consultório
Fonte: anuário, 1921.

As imagens da Ilustração 13 mostram o salão de barbeiro inaugurado em 1919 e o gabinete dentário. O Liceu, de certa forma, era auto-suficiente, os espaços previam situações diversas, não sendo necessário que os alunos saíssem das dependências da instituição a não ser por ocasião dos passeios e dos desfiles.



Salão de barbeiro.



Gabinete dentário.

Ilustração13 - Salão de barbeiro e gabinete dentário
Fonte: anuário de 1915.

A arquitetura do colégio modificou-se por meio de construções sucessivas. No entanto, após a década de 20, praticamente manteve-se a mesma estrutura até os dias de hoje.

Além da organização do espaço é importante nos determos para a organização do tempo escolar. Tempo este que auxilia a desvelar conceitos e concepções de homem e de mundo. Além de doutrinar o espírito e desenvolver a disciplina, promove o controle dos meios de produção, de circulação e de consumo. Este tempo, cuja criação é humana, estabelece regras de convivência social e impõe *culturas* por meio da padronização de ações e de atitudes. Este tempo, no entanto, pode ser subvertido na medida em que se criam novas possibilidades ou práticas de lidar com ele.

Para Escolano (2000), o espaço e o tempo não são simples esquemas abstratos ou estruturas neutras, mas podem ser percebidos como duas dimensões da cultura escolar intrínsecos. Por meio do controle do tempo e do espaço, legitima-se e é transmitido aos alunos um conjunto de valores culturais e sociais que definem e instituem um determinado discurso pedagógico, uma cultura educativa e certas regras de conduta.

Diante disso, o tempo no Liceu Coração de Jesus ao longo do período estudado sempre foi algo extremamente cuidado, vigiado e controlado. Uma das principais preocupações de Dom Bosco era: que os meninos não ficassem ociosos, que sempre se ocupassem de algo que lhes elevasse o espírito, evitando assim cometerem faltas, pecados. Nesse sentido, a organização do calendário escolar e da rotina se torna mais do que simples ações educativas, mas estratégias de controle e de prevenção.

Durante os primeiros anos de funcionamento, o Liceu Coração de Jesus ofereceu cursos relacionados ao ensino *preliminar, profissional e ginásial* em regime de internato e de externato. Em 1916, a escola contemplaria também alunos em regime de semi-internato. Naqueles primeiros anos, o Liceu pretendia seguir o modelo de internato Italiano da escola de Valdoco, localizada em Turim na região do Piemonte. Entretanto, as diferenças climáticas e culturais levariam os alunos da escola de Niterói no Rio de Janeiro a adoecer; isso teria levado a congregação a organizar um horário que respeitasse as condições climáticas brasileiras, o que foi adotado em São Paulo.

Lembrando que *aprendizes* eram aqueles que frequentavam os cursos profissionalizantes (alunos internos, subdivididos em aulas práticas e teóricas), e *estudantes*, os alunos dos cursos propedêuticos. As *aulas* aconteciam com a presença do professor responsável pela exposição dos conteúdos em forma de lições; já os momentos de *estudo* preparatórios para as aulas eram feitos nas salas de aulas ou em salas específicas com um *Assistente* sempre próximo, zelando pela ordem.

Cada período de aulas não deveria durar mais do que 45 minutos, de preferência 30. As aulas eram intercaladas com horários de recreio e de estudos. Acorda-se cedo e dorme-se cedo. Como aponta Escolano (2000), o controle do tempo escolar organizado em espaços curtos de tempo, ritmados e repetitivos constitui-se em mecanismos de controle, ordenados conforme instâncias de poder nem sempre visíveis. Esse modelo característico da Igreja, bem como de outras instituições, a exemplo da militar e da penitenciária, configura uma ordem escolar uniforme e rígida que induz a comportamentos disciplinados e a inércia sob o ponto de vista político. Não existe espaço para inovações ou flexibilidade de horários.

Mesmo os momentos de suposta *quebra de rotina*, como as quintas-feiras, segue-se uma determinada sequência de ações e de regras de conduta. As quintas-feiras eram dias *especiais* em que aconteciam os passeios para os alunos internos e atividades diferenciadas para os externos e semi-internos. Não se sabe ao certo o porquê da quinta-feira no Brasil ser um dia especial.

Convém notar que a ausência de aula no meio da semana era comum nas escolas do país, aliás, estabelecidas também, no Estatuto dos Cursos Jurídicos do Império, vigente nas faculdades de Direito de São Paulo e de Recife, desde 1853. Como o fim de semana inglês quase não existia e as viagens eram difíceis, julgava-se que, para o ensino-aprendizagem era melhor perder um dia no meio da semana do que dois dias consecutivos de folga escolar (sábado e domingo) (SANTOS, 2000, p. 201-202).

Enquanto os alunos internos saíam do espaço físico do Liceu para passear as quintas-feiras, os alunos externos e semi-externos permaneciam na escola com aulas diferentes das ministradas nos demais dias da semana, “haverá exercícios militares e de gymnástica, aulas de moral e educação física, desenho e outras que se não possam dar durante a semana.” (ANUÁRIO de 1917, apêndice).

Tendo presente o exposto até então, façamos um exercício e imaginemos a seguinte cena³: um amplo dormitório e dezenas de meninos acordando ao som do Assistente que entre palmas e o soar de um sininho grita em voz alta *Benedicamus Domino* (Bendigamos ao senhor). Um sonoro coro de vozes infantis sonolentas responde *Deo gratias* (Graças a Deus). Pular da cama, tomar banho frio, vestir-se e arrumar a cama, tudo em 30 minutos e em silêncio.

Em fila dirigem-se à Igreja para as orações da manhã (em latim): *Ángelus*, três Ave-Marias – *Oremus* - *Gloria Patri* – Eu vos adoro - Ave Maria – *Credo*– Salve Rainha – *Angele Dei*. Depois recitam os Mandamentos de Deus e da Igreja, os Sete Sacramentos, os Atos de Fé, de Esperança e de Caridade, de Contrição, a oração a São Luiz de Gonzaga com *Pater Noster* – Ave Maria – *Gloria Patri* e *Oremus*. Rezam ainda o terço, seguido da ladainha de Nossa Senhora, - Ave-Maria para a paz em casa, um *Pater Noster*, *Ave-Maria* e *Glória Patri* pelos pais, parentes e benfeitores, um *De Profundis* pelas almas do purgatório e ao final uma invocação ao Espírito Santo e uma breve leitura espiritual. Enquanto os alunos rezam, um padre celebra a missa diária (opcional na teoria e obrigatória na prática) e outros atendem nos confessionários. Nesses momentos, as conversas são rigorosamente proibidas, o único som a ser ouvido é o das orações em coro, intercaladas pelos momentos de silêncio, por ocasião da Consagração na missa. Após as orações finais, em silêncio os alunos seguem em direção ao refeitório para o café da manhã.

3 A elaboração da cena foi inspirada nos textos de Negrão (1999), de Santos (2000), em textos de Dom Bosco e no “Regulamento para as casas de São Francisco de Salles”.

Antes de sentarem à mesa, os alunos fazem o sinal da cruz, recitam a *Ave-Maria* com a invocação “A Maria *Auxilium Christianorum...*” Ao sinal da sineta, está liberada a conversa. Um pequeno recreio após o café e os estudantes dirigem-se para o salão de estudos e os aprendizes para as oficinas profissionalizantes.

Nas oficinas, seguem-se as regras já determinadas no regulamento: iniciar o trabalho com a reza do *Actiones* e *Ave-Maria*; obedecer irrestritamente aos superiores; dedicar-se com empenho ao aprendizado do ofício; não circular pelas oficinas; é proibido no ambiente das oficinas bebidas alcoólicas, jogar, brincar ou qualquer forma de diversão; manter o máximo de silêncio possível; zelar pelos equipamentos. Tais regras são lidas todos os sábados em voz alta, e cópias são afixadas nas oficinas; encerram-se as atividades com a reza da *Ave-Maria* ao meio-dia e do *Angelus Domini* ao anoitecer.

Já os estudantes internos, após o café, dirigem-se às salas de estudo e após a sequência de orações: *In nomine patris* (sinal da cruz) – *Actiones nostras* – *Ave-Maria* – *Maria Auxilium Christianorum* – *In nomine Patris*, sob a vigilância do Assistente preparam as lições e as tarefas de aula. Terminam o momento de estudos com *In nomine Patris* – *Agimus tibi gratias Maria Auxilium Christianorum* – *In nomine Patris*.

Os alunos semi-internos não assistem às missas diárias e iniciam suas atividades pelo momento de estudo às 7h e 15min. As aulas da manhã, para os internos *estudantes* e semi-internos, são intercaladas por um pequeno recreio no qual é servido um lanche (merenda). O recreio, espaço onde o silêncio não é exigido, acontece entre gritos, brincadeiras e jogos dirigidos pelos Assistentes; as crianças vivem a experiência da recreação, embora sejam aconselhadas a não se isolarem ou conversarem em pequenos grupos sob receio de que se ocupem com pensamentos imorais.

Durante o almoço, que é iniciado pelo *Angelus Domini*, um aluno lê o texto de um livro que pode ser uma história, um conto ou algo semelhante. Ao som da campainha, iniciam-se as conversas e logo após o almoço, um novo recreio. Alguns alunos nesse intervalo dirigem-se à igreja e fazem orações individuais – a frequência era maior na época das provas e dos exames.

À tarde, novamente aulas, estudo e recreio intercalados. Um pequeno intervalo antecede e segue o jantar, depois mais um momento de estudos. É bom lembrar que os alunos *aprendizes* intercalavam aulas teóricas e aulas práticas, em forma de trabalho nas oficinas, não ficando muito claro o tempo destinado a uma e outra modalidade.

O dia se encerra para os internos com as orações da noite: Sinal da Cruz, Eu voz adoro, *Ave-Maria*, Creio em Deus, Salve Rainha, Anjo de Deus (em português). Por três vezes se repete: *Querida mãe, virgem Maria, fazei que eu*

salve a minha alma, seguida cada vez de uma Ave-Maria e de Glória ao Pai. Os Superiores e Missionários recitam a Ave-Maria, Glória pelo descanso eterno de Dom Bosco, e a jaculatória *Sancte Ioannes, ora pro nobis* e depois a mesma oração ao mesmo santo e uma *Ave-Maria* é recitada pelos ex-alunos. Uma breve pausa para um exame de consciência, seguida pelo Ato de Contrição, as jaculatórias Jesus, José, Maria e encerra-se tudo com um Sinal da Cruz.

Após a oração da noite, acontece o tradicional *Boa Noite!*, prática iniciada por Dom Bosco nos oratórios da Itália. Em seguida, os alunos retiram-se em fila para os respectivos dormitórios. Lá, enquanto se preparam para deitar, um menino lê um texto e ao terminar fala *Tu autem Domine, misere nobis* (senhor tende piedade de nós). Os demais respondem *Deo gratias*. Novamente o silêncio sagrado. Por entre as camas, o Assistente passa rezando o terço, e quando percebe que todos dormem dirige-se a sua cela.

Sineta, frases de comando em forma de orações e palmas constituem-se em ferramentas utilizadas com o intuito de manter-se a ordem, dar ritmo às ações, criar o hábito e a rotina disciplinar. Aprende-se disciplina pela repetição. Aprende-se disciplina por meio dos sons. E também, por meio dos gestos, expressões e olhares dos assistentes e dos professores.

A rigorosidade no modo de ser e de fazer dos alunos, a busca por um comportamento padrão que valorize o silêncio, os bons modos à mesa, o trato com os colegas e professores, bem como as normas de conduta nas oficinas, na escola e fora dela (desfiles e passeios) vão além da catequização, buscam impregnar na vida dos meninos o ideário de civilidade e a educação dos sentidos. Ações tais como: o uso do silêncio, a presença das filas para o ingresso nas salas de aula (contrárias ao desejo de Dom Bosco, mas prática adotada no Brasil), a organização do tempo escolar em espaços curtos e articulados, o uso de som, de gestos e de palavras de comando vão reforçar um modelo de educação que visa entre outras coisas preparar para o mundo moderno e para o trabalho do operariado.

A organização do modelo educativo salesiano aproxima-se do modelo dos jesuítas, lassalistas e de outras ordens religiosas, pois todas têm, em síntese, como objetivo final a aproximação com Deus e com a Igreja Católica. Todo e qualquer conhecimento, seja ele de natureza humanística ou *exata*, deve de alguma forma propiciar a elevação do espírito, no sentido de buscar a santidade em sua plenitude e concretude por meio da moralidade nas ações e nos pensamentos, seguindo os fundamentos da Igreja Católica de Roma. Sendo assim, o ensino das matemáticas e de outras disciplinas, embora ocupe um tempo específico no período escolar, e essas disciplinas sejam ministradas por diferentes professores, é entendido como um elemento dentro de um conjunto maior que visa a formação “de bons cristãos e honestos cidadãos” (máxima de Dom Bosco).

O controle e organização do tempo e espaço são fundamentais para o desenvolvimento de tal modelo educativo, favorecendo o processo formativo do ideal de homem salesiano: *cristão* e *cidadão* desejado. Também nessa perspectiva, desenvolveram-se todas as práticas educativas do colégio Liceu Coração de Jesus ao longo do período estudado (1885 a 1929).

Referências

ANUÁRIO DO LICEU CORAÇÃO DE JESUS de 1916 a 1929. São Paulo: Inspetoria Salesiana de São Paulo.

BOSCO, São João. Regulamento para as cazas da Congregação de S. Francisco de Sales.

Nictheroy, Typographia Salesiana do collegio de Artes e Officios (Santa Rosa), 1888.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: história e imagem. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 12. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Anne-Marie.; HEBRARD, Jean. Os discursos da Igreja. In: **Discurso sobre a leitura – 1880 – 1980**. Tradução de Osvaldo Baito e Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995.

CIMATTI, Pe. Vicente. **Dom Bosco Educador**. Tradução de Pe. Luiz Marcigaglia. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1939.

DALCIN, Andréia. **Cotidiano e práticas salesianas no ensino de matemática entre 1885-1929 no Colégio Liceu Coração de Jesus de São Paulo: construindo uma história**. Tese (Doutorado em Educação: Educação Matemática). Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2008.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **Tiempos Y Espacios para La escuela**: ensayos históricos. Espanha, Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A legislação escolar como fonte para a História da educação: uma tentativa de interpretação. In: _____. **Educação**

Modernidade e Civilidade: fontes e perspectivas de análise para a história da educação oitocentista. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ISAÚ, Manoel. **Liceu Coração de Jesus:** cem anos de atividades de uma escola numa cidade dinâmica e em transformação. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1985.

JULIÁ, Dominique . Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. In: LOPES, Alice C; MACEDO, Elizabeth (Org.). **Disciplinas e integração curricular:** história e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

NEGRÃO, Ana Maria. Educar para a cidadania através de valores católicos Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora. In: NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Quaiotti do et. al . **Memórias da Educação Campinas** (1850 –1960). Campinas: Editora da UNICAMP, 1999, p. 197 -243.

SANTOS, Manoel Isaú Souza Ponciano. **Luz e Sombras:** internatos no Brasil. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 2000.

Data de Recebimento: 03/07/2009.
Aceite em: 23/02/2010.